

17. Voto de movimento

Sabemos que para nos mantermos saudáveis, os médicos nos aconselham a nos mover, a andar. Do mesmo modo, também na vida espiritual, se não nos movemos, se não caminhamos, não vivemos a nossa vocação de uma forma saudável. Mesmo a Igreja, se não mantém viva a sua natureza sinodal, na qual caminhamos juntos, torna-se cada vez mais um corpo pesado, que não avança, e sobretudo não corre para anunciar o Evangelho, a boa e alegre Notícia que Cristo ressuscitou e que permanece presente conosco até o fim do mundo (cf. Mt 28,20). Se a Igreja quisesse se manter fiel à sua tradição sem viver a missão, trairia o coração da sua tradição, que é o Evangelho, ou seja, Cristo Jesus que veio ao mundo para salvar toda a humanidade. A verdadeira tradição da Igreja não é um tesouro que escondemos no subsolo, mas um tesouro a ser transmitido. Jesus, no final dos tempos, nos condenará se tivermos enterrado o talento que recebemos em vez de o fazer frutificar para o crescimento do seu Reino (cf. Mt 25,14-30).

São Bento também nos pede, por assim dizer, um "voto de movimento", o voto de *conversatio morum*, que poderíamos traduzir como "conversão no seguir o caminho da comunidade monástica". Este voto inclui todos, compreende obediência, pobreza, castidade, mas também estabilidade, porque um monge não é verdadeiramente estável em uma comunidade se não seguir o seu caminho e as indicações do pastor que guia o rebanho. Para São Bento, a comunidade monástica é um rebanho em caminho, guiado por Cristo, representado pelo abade ou pela abadessa. Quem não estiver disposto a se converter continuamente, caminhando com a comunidade, falha na obediência e em todas as virtudes monásticas, e não progride, não melhora, e não alcançará a meta e o objetivo da vida e da vocação.

"*Conversatio*" é um termo difícil de traduzir, porque não designa um estado de vida, uma condição, mas um processo no qual a vida se transforma, progride, se eleva e aprofunda. O voto de *conversatio morum*, enquadrado entre os votos de estabilidade e obediência (cf. RB 58, 17), é fundamentalmente uma promessa de viver, de não parar no processo de vida nova que a Regra, seguindo o Evangelho, nos propõe. Em suma, prometemos mudar continuamente, corresponder dia após dia à graça pascal que nos faz nascer para vida eterna, do Ressuscitado.

A obediência nos recorda que a vida tem leis que não fomos nós que criamos. A vida não é um processo autônomo: é gerada e deve ser sempre alimentada por fontes e raízes que nos precedem, que nos levam.

A estabilidade nos recorda que a vida é um processo interior: a mudança constante que exige não é a da agitação exterior e superficial dos nossos projetos, desejos, caprichos e modas. A estabilidade monástica escolhe a mudança profunda e silenciosa, aquele de uma grande árvore que parece estática e, em vez, vive interiormente contínuos processos biológicos, mesmo no inverno.

A *conversatio morum* na vida monástica, mas também na vida de cada batizado, é onde consentimos a nova vida que Cristo nos propõe, e que nos propõe verdadeiramente como vida, como um processo profundo e interior que, dia após

dia, até ao Dia eterno, nos permite passar da vida terrena à vida celeste, do nada de onde viemos à totalidade da vida divina, quando Cristo será "tudo em todos" (Cl 3,11).

Mas Deus nos propõe este processo, não nos impõe. Fazer votos de conversão constante na vida monástica é um ato livre, é dizer "sim" à vida de Cristo em nós, é dizer "sim" a um caminho, é seguir "o caminho da vida" que "o Senhor nos mostra na sua bondade" (RB Pról. 20). Para escolher um caminho, não basta escolher uma direção: devemos também escolher caminhar. E escolher caminhar não é uma escolha que se faz uma vez por todas: tem de ser feita a cada passo, se não paramos. A obediência nos faz concordar com a direção certa do caminho; a estabilidade nos faz concordar em colocar os pés no chão da estrada, que é o terreno muito concreto da nossa comunidade, que por vezes pode se tornar árduo, rochoso ou escorregadio, dependendo das circunstâncias e das pessoas com as quais o Senhor nos coloca. Mas se não ando, tudo isto é inútil para mim. Se não ando, paro. E parar no caminho da vida significa morrer.

O que alimenta a decisão de andar? O que alimenta dia após dia o voto de conversão, de *conversatio morum*, o voto que não pode ser prometido uma vez por todas e sem o qual nem mesmo a obediência e a estabilidade seriam votos de vida nova? Compreendê-lo é vital não só para cada um de nós, mas também para a renovação da Igreja e da vida consagrada. Nenhuma verdadeira reforma, nenhuma renovação, deu frutos na Igreja sem a alma de uma conversão renovada, sem o fervor profundo de um compromisso da *conversatio morum*, sem um verdadeiro consentimento para uma transformação da vida e do coração, que não se satisfaz apenas com formas exteriores. As mudanças exteriores, formais, não reformam e renovam a vida da Igreja e das nossas comunidades.

O que alimenta então o voto de *conversatio morum* dia após dia?

Se for um voto de vida, um voto para viver, no nosso coração há um poderoso motor, uma poderosa energia: o desejo de vida, o desejo de "vida verdadeira e eterna" (RB Pról. 17), que São Bento pede como condição para entrar no mosteiro. É um desejo que certamente está presente em cada coração humano.

Mas porque tão poucas pessoas se deixam realmente guiar por este desejo para escolher um caminho de vida?

Talvez porque não se escolhe a vida verdadeira e eterna sem aceitar renunciar a vida falsa e temporal, a vida mundana, que o pecado original nos faz desejar em uma miragem de realização ilusória. Todos desejam a vida, mas poucos aceitam o caminho de conversão que nos permite passar da vida do homem velho para a do homem novo (cf. Cl 3,9-19), aquela passagem pascal de morte e ressurreição a que Jesus chama sempre aqueles que Lhe pedem a vida (cf. por ex. Mc 8,34-35).

Devemos, portanto, escolher a morte para encontrar a vida? Se fosse assim, como poderíamos superar o nosso medo diante do chamado de Cristo? Não, não se trata de escolher a morte, mas de escolher verdadeiramente Cristo, a nossa verdadeira vida! Quando compreendemos que a nossa verdadeira vida é Jesus, então não nos assusta morrer para nós mesmos para estar com Ele.